

Mundo cão (2006)

J. Roberto Whitaker Penteado

A expressão das paixões nunca deveria provocar repugnância. - Wolfgang Amadeus Mozart

Foi no distante ano de 1962 que dois jovens cineastas italianos produziram um filme que causou horror e repugnância em todo o mundo, criando, até, uma expressão nova na maioria dos idiomas: Mondo Cane. O sucesso do filme resultou no lançamento de outro com o mesmo título, em 1963. Em 1986, o terceiro foi um fracasso de bilheteria...

Pesquisando na internet, encontrei um texto atual, analisando o Mundo Cão original. Previsivelmente, seu autor, um jovem cinéfilo, acha o conteúdo "morno". As cenas de rituais canibalísticos, senhoras de sociedade comendo formigas, o sacrifício de um porco vivo, concursos de degolamento de touros, cristãos espanhóis flagelando-se em procissões, tartarugas e pássaros morrendo com a radiação atômica, o comércio de carne de cachorro na China, os funerais de Rodolfo Valentino, gansos franceses alimentados a força para produzir foie gras e tudo o mais que o filme mostrava são, de fato, coisa leve para as platéias de hoje.

O mundo ficou pior? Mais cão? (E não posso deixar de observar que esse título é uma injustiça com este fiel amigo)

Não acredito. A dar-se crédito aos livros de história, horror e violência estão presentes desde o início da humanidade. Posso imaginar que os espetáculos do Coliseu romano deixariam humilhadas as touradas espanholas ou as farras do boi patricias. Mudou, talvez, a sua forma de exposição.

Filmes como Mondo Cane suscitaram, provavelmente pela primeira vez, críticas e discussão pública sobre o que deve ou não ser mostrado através da mídia de massa e, em especial, transformado em entretenimento. Decorrido quase meio século, o problema agravou-se. As pessoas já não precisam sair de casa, para ir ao Coliseu ou ao cinema para se deleitarem com a dor, a miséria e o sofrimento.

No passado, assistir a gladiadores esfaqueando-se mutuamente, ou a cristãos sendo devorados por tigres e leões, na arena, ou a uma sessão de enforcamento ou guilhotinamento públicos, nas antigas Londres e Paris, era um "programa". Antes e depois, o populacho e a burguesia entregavam-se à insossa rotina da sobrevivência no dia-a-dia. À noite, dormiam.

Não mais. A tecnologia entrou pelos lares a dentro, na forma de eletrodomésticos onde permanece. Com isso, criou-se um fenômeno novo: a mediação da informação. Como a realidade de cada um nada mais é do que o conjunto das suas percepções externas, não é exagero afirmar que, para a maioria dos cidadãos do mundo, a mídia intermedia a própria realidade. E a história.

Essas reflexões surgiram de um certo inconformismo com o país e o mundo que me são apresentados todos os dias pelos olhos e boca da mídia um serviço que se tornou tão indispensável, para mim, como é certamente para você que me lê.

Quais serão as opções? Afinal, é evidente que hoje, como no passado há outros mundos no mundo, além deste, Cão, que se tornou tão imenso e incômodo. O que fazer para resgatá-los?

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=345>>. Acesso em: 5 ago. 2009.